

Escala de Comportamento Interpessoal: Adaptação para a língua portuguesa

Paula Vagos
Anabela Pereira

Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Aveiro

Resumo

O presente trabalho apresenta o resultado da tradução e adaptação de uma medida de assertividade para a língua portuguesa, indo de encontro a trabalhos recentes que indicam a multidimensionalidade deste constructo. A tradução do instrumento foi avaliada pelo método de reflexão falada e retroversão. A versão portuguesa foi aplicada a uma amostra de 1125 estudantes do ensino secundário e superior nacional. Os resultados obtidos indicam a fidelidade e validade factorial do instrumento, sendo composto por duas escalas de medida, divididas em quatro subescalas correspondentes. A versão portuguesa da Escala de Comportamento Interpessoal parece ter adequabilidade psicométrica. Estudos futuros serão importantes, nomeadamente para avaliar a validade de constructo e outro tipo de amostras.

Palavras-chave: Assertividade, Avaliação, Tradução e adaptação.

Abstract

This work presents the result from the translation and adaptation process on a measure for assertiveness for the Portuguese language. This instrument follows recent works that point to this construct being multidimensional. The translation of the instrument was evaluated by back-translation and thinking-aloud methods. The Portuguese version was applied to a sample of 1125 students from secondary schools and higher education institutions in Portugal. Results show that the instrument has good reliability and factorial validity, being composed of two scales, which are subdivided into four corresponding subscales. The Portuguese version of the Scale for Interpersonal Behaviour seems to have psychometric suitability. Future studies are important, namely to assess construct validity and test other kinds of samples.

Key words: Assertiveness, Evaluation, Translation and adaptation.

Este trabalho foi parcialmente financiado por uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Paula Vagos, Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Aveiro, Campus Universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro, Portugal; E-mail: paulavagos@ua.pt

Introdução

O conceito de assertividade tem recebido atenção e reformulação extensiva desde a sua definição inicial como defesa dos próprios direitos. Apesar dos seus atributos distintivos terem permanecido indefinidos (Rakus, 1991), a sua natureza multidimensional tem sido comprovada (Arrindell & van der Ende, 1985; Azais & Granger, 1995; Azais, Granger, Debray, & Ducroix, 1999; Lorr & More, 1980; Vagos & Pereira, 2009), referindo-se quer a vários domínios sociais como a diversas áreas de funcionamento psicológico.

A assertividade tem sido associada a vários domínios sociais em que o indivíduo se move, como seja expressar sentimentos positivos e negativos, tomar a iniciativa, reconhecer e gerir limitações pessoais, liderar e dirigir outros, ou defender os próprios direitos (Arrindell & van der Ende, 1985; Lorr & More, 1980). Tem igualmente, sido associada aos três domínios do funcionamento psicológico (Azais et al., 1999), nomeadamente baixo nível de ansiedade interpessoal (Bandeira, Quaglia, Bachetti, Ferreira, & Souza, 2005; Moore, Hudson, & Smith, 2007; Orenstein, Orenstein, & Carr, 1975; Wolpe, 1973), comportamento verbal e não verbal congruente e que expresse conteúdos relativos aos vários domínios sociais referidos (Castanyer, 2005; Del Prette & Del Prette, 1999), e crenças e pensamentos automáticos positivos acerca de si próprio e da interação social (Bruch, Kaflowitz, & Berger, 1988; Golden, 1981; Heimberg, Chiauuzzi, Becker, & Madrazo-Peterson, 1983).

Apesar de pertinência do conceito, atestada pelo número de revisões teóricas e investigações realizadas na área (Bolsoni-Silva, Del Prette, Del Prette, Montagner, Bandeira, & Del Prette, 2006; Heimberg & Becker, 1981), em Portugal a atenção dedicada ao assunto parece ser ainda escassa, quer a nível conceptual quer a nível da avaliação do constructo. De facto, no que concerne a instrumentos de avaliação da assertividade traduzidos e adaptados para a língua portuguesa, apenas temos conhecimento da existência de um: a Escala de Assertividade de Rathus, traduzida e adaptada por Detry e Castro (1990, 1996), tendo sido alvo de uma análise posterior por Carochinho (2002). Esta escala foca-se na vertente comportamental da assertividade, consistindo de uma série de afirmações que o indivíduo deve avaliar como sendo ou não características de seu próprio comportamento (Rathus, 1973).

Instrumentos de avaliação mais recentes têm procurado avaliar o conceito como multidimensional, versando diferentes domínios sociais e diferentes áreas do funcionamento psicológico. Exemplo disto é a Scale for Interpersonal Behaviour (SIB; Arrindell, de Groot, & Walburg, 1984). Trata-se de um instrumento construído com o objectivo de avaliar a resposta assertiva afectiva e comportamental numa ampla gama de situações sociais, definida como todas as respostas em relações interpessoais pelas quais os indivíduos são assertivos, respondendo sem ansiedade ou agressividade em intensidade injustificada. A análise exploratória e confirmatória da constituição deste instrumento tem provado que abarca quatro domínios sociais, em distintas populações clínicas e não clínicas (Arrindell & van der Ende, 1985; Arrindell et al., 1990): expressão de sentimentos positivos e de sentimentos negativos, reconhecimento e gestão de limitações pessoais e tomada de iniciativa em situações sociais. Os autores defendem, ainda assim, a consideração de uma medida global de ansiedade assertiva e de comportamento assertivo, que serão indicadoras do nível de assertividade do indivíduo nos vários tipos de eventos sociais. Tais indicadores assertivos reflectirão indivíduos auto-confiantes, com coragem para manter e defender as próprias convicções, direitos e interesses, e para expressar sentimentos positivos, como sejam a necessidade de afiliação e afecto por parte dos outros (Arrindell et al., 1990).

A qualidade psicométrica deste instrumento tem sido comprovada, em diferentes populações, como estudantes, membros da comunidade, pacientes psiquiátricos, sujeitos em treino de competências sociais (Arrindell & van der Ende, 1985; Arrindell et al., 1990; Arrindell et al., 1999), ou adolescentes (Sarkova et al., 2005). Foi também alvo de adaptação em diferentes países, nomeadamente EUA

(Arrindell et al., 1999; Arrindell et al., 2001; Arrindell et al., 2005), Itália (Arrindell, Bartolini, & Sanavio, 1990; Arrindell, Sanavio, & Sica, 2002), Turquia (Eskin, 1993a), Suécia (Eskin, 1993b), ou França (Bouvard et al., 1999). Estes estudos conferem à SIB índices adequados de consistência interna, fidelidade teste-reteste, validade de constructo convergente e discriminante e capacidade para discriminar sujeitos com diferentes diagnósticos psicopatológicos, nomeadamente ansiedade social. No caso da versão americana, trabalhos com estudantes indicaram diferenças em função do género e idade. A nível de género, os resultados indicam que o sexo feminino se associa a respostas mais assertivas na expressão e gestão de limitações pessoais; relativamente à idade, estudantes mais novos parecem experienciar maiores níveis de ansiedade interpessoal ao ser assertivo (Arrindell et al., 2001; Bridges, Sanderman, Breukers, Ranchor, & Arrindell, 1991). Pelo contrário, o trabalho de Sarkova et al. (2005) com adolescentes indica o sexo feminino como possuindo menores competências sociais.

Neste trabalho apresentamos o processo de tradução e adaptação da SIB para língua portuguesa, acompanhada pelo seu estudo psicométrico¹.

Processo de tradução e adaptação

A tradução da escala para língua portuguesa foi feita a partir da versão americana do instrumento, e por um professor de português – inglês, com 15 anos de experiência. Dois itens suscitaram alguma dificuldade (item 8 e 16), por incluírem expressões em língua inglesa que teriam traduções muito similares em língua portuguesa.

A avaliação desta tradução seguiu dois processos, de forma sequencial: *forward-translation* e *back-translation* (Hambleton, Merenda, & Spielberger, 2005; Sireci, Yang, Harter, & Ehrlich, 2006). O primeiro estipula que a versão traduzida seja avaliada por reflexão falada por um grupo de examinados com características próximos do grupo a que se destina o instrumento. Foi pedido a um grupo de 18 alunos do ensino secundário público que avaliassem a prova e foram verificadas dificuldades ao nível da compreensão das instruções, que levaram a sua simplificação e alteração da sua apresentação em relação ao seu formato original. O processo de *back-translation* supõe a tradução da versão portuguesa para a língua original e resolução de possíveis discrepâncias. No presente trabalho, a tradução para língua inglesa foi feita por um professor nativo de língua inglesa, numa escola de línguas independente, tendo-se concluído pela equivalência das duas versões, que podem ser observadas no Tabela 1.

Tabela 1

Comparação das versões portuguesa e inglesa do instrumento

Versão em língua portuguesa – Escala de Comportamento Interpessoal	Versão em língua inglesa da SIB – Scale for Interpersonal Behaviour
1. Iniciar uma conversa com um estranho.	1. Start a conversation with a stranger
2. Dizer a uma pessoa que te interrompe quando estas a falar que isso te aborrece.	2. Telling someone who interrupts you that you find this annoying.
3. Contar a grupo de pessoas alguma coisa que te aconteceu.	3. Telling a group of people about something you have experienced.
4. Pedir a alguém para explicar uma coisa que não compreendeste	4. Asking someone to explain something you have not understood.
5. Dar uma opinião diferente daquela da pessoa com quem estás a falar	5. Offering an opinion that differs from that of the person you are talking to.
6. Reconhecer um elogio acerca da tua aparência pessoal.	6. Acknowledging a compliment about your personal appearance.

(cont. →)

¹ O estudo deste instrumento tem vindo a ser realizado ao longo dos últimos anos, pelo que considerações relativas à sua fidelidade e validade foram previamente apresentadas pelos autores noutros trabalhos (ver Vagos & Pereira, 2007; Vagos, Pereira, & Vieira, 2008).

(← cont.)

Versão em língua portuguesa – Escala de Comportamento Interpessoal	Versão em língua inglesa da SIB – Scale for Interpersonal Behaviour
7. Dizer a um amigo ou conhecido que está a fazer algo que te aborrece.	7. Telling a friend or an acquaintance that he/she is doing something that annoys you.
8. Dizer a alguém que gostas dele/a.	8. Telling someone that like him/her.
9. Recusar um pedido feito por uma pessoa com autoridade (polícia, professor, patrão...).	9. Refusing a request made by a person in authority.
10. Pedir a alguém que considere o facto de que tens medo de alguma coisa.	10. Asking people to make allowance for the fact that you are afraid of something.
11. Manter a tua opinião na presença de um amigo próximo que discorda de ti.	11. Maintaining your opinion in the face of a good friend who disagrees with you.
12. Admitir que estás errado.	12. Admitting you are wrong.
13. Olhar para a pessoa com quem estás a falar.	13. Looking at the person you are talking to.
14. Convidar alguém conhecido para ir contigo a um evento social (por exemplo, uma noite social – cinema, discoteca – ou uma festa).	14. Inviting an acquaintance to join you at a social event (for instance a social evening or party).
15. Dizer a alguém que achas que ele/a te tratou injustamente.	15. Telling someone that you think he/she treated unfairly.
16. Dizer a alguém que o/a estimas.	16. Telling someone that you are fond of him/her.
17. Recusar uma bebida, especialmente se te é oferecida repetidamente.	17. Declining a drink, especially if it is offered to you repeatedly.
18. Dizer a alguém que te criticou justamente que ele/a tem razão.	18. Telling someone who has justly criticized you that he/she is right.
19. Reconhecer um elogio sobre alguma coisa que fizeste.	19. Acknowledging a compliment on something you have done.
20. Aceitar o convite de alguém para ir com ele/a a um evento social.	20. Accepting someone's invitation to join him/her at a social event.
21. Iniciar uma conversa com um homem/mulher que achas atraente.	21. Starting a conversation with a man/woman you find attractive.
22. Recusar um pedido feito por alguém que estimas.	22. Refusing a request made by someone you are fond of.
23. Discutir a crítica de alguém em relação a uma coisa que fizeste.	23. Discussing someone's criticism of something you have done.
24. Dizer que aprecias a experiência de te dizerem que gostam de ti.	24. Saying that you enjoy the experience of being told that you are liked.
25. Pedir a um conhecido que te ajude numa tarefa.	25. Asking an acquaintance to help you with a job.
26. Apresentar a tua opinião durante uma conversa com estranhos.	26. Putting forward your opinion during a conversation with strangers.
27. Participar da conversa de um grupo de pessoas.	27. Joining in the conversation of a group of people.
28. Pedir às pessoas que te devolvam as coisas que lhes emprestaste.	28. Asking people to return things they have borrowed.
29. Convidar um conhecido para uma bebida.	29. Inviting an acquaintance for a drink.
30. Aceitar uma oferta de ajuda.	30. Accepting an offer of help.
31. Recusar dar dinheiro em peditórios.	31. Refusing to give money to collections.
32. Manter a tua própria opinião face a uma pessoa com uma opinião marcada.	32. Maintaining your own opinion against a person who has a very pronounced opinion.
33. Pedir a uma pessoa que pare de fazer algo que te aborrece (por exemplo, num comboio, num restaurante ou no cinema).	33. Asking a person to stop doing something that annoys you (for instance in a train, a restaurant or a cinema).
34. Protestar quando alguém passa à frente na fila.	34. Protesting when someone jumps the queue.
35. Dar a tua opinião a alguém que sabe mais sobre o assunto do que tu.	35. Offering your opinion to someone who knows more about the subject than you do.
36. Perguntar a alguém se tu o/a magoaste.	36. Asking someone whether you have hurt him/her.
37. Dizer que gostas que as pessoas te digam que te estimam.	37. Saying that you enjoy people telling you that they are very fond of you.
38. Dar a tua opinião a uma pessoa com autoridade.	38. Giving your opinion to a person in authority.
39. Recusar produtos ou serviços cuja qualidade não te satisfaz (por exemplo numa loja ou restaurante).	39. Refusing unsatisfactory goods or services (for instance in a shop or in a restaurant).

(cont. →)

(← cont.)

Versão em língua portuguesa – Escala de Comportamento Interpessoal	Versão em língua inglesa da SIB – Scale for Interpersonal Behaviour
40. Dizer a alguém que fez alguma coisa por ti o quanto estás satisfeito com isso.	40. Telling someone who did something for you how pleased you are.
41. Conversar com alguém sobre a tua impressão de que ele/a te está a tentar evitar.	41. Discussing with someone your impression that they are trying to avoid you.
42. Pedir desculpa quando cometeste um erro.	42. Saying that you are sorry when you have made a mistake.
43. Dizer a alguém que te sentes muito satisfeito com uma coisa que fizeste.	43. Telling someone that you are very pleased with something you have done.
44. Explicar a tua “filosofia de vida”.	44. Explaining your philosophy of life.
45. Aproximares-te de alguém para te apresentares.	45. Going up to someone in order to make their acquaintance.
46. Pedir a alguém que te indique o caminho.	46. Asking someone to show you the way.
47. Pedir a alguém que critique alguma coisa que fizeste.	47. Asking someone to criticize something you have done.
48. Recusar emprestar alguma coisa a um conhecido próximo.	48. Refusing to lend something to a near acquaintance.
49. Admitir que sabes pouco sobre determinado assunto.	49. Admitting that you know little about a particular subject.
50. Insistir para que alguém faça a sua parte num trabalho de grupo	50. Insisting that someone does his/her share in a joint task.

Método

Amostra

O processo de amostragem foi polietápico. Numa primeira fase, procedeu-se a uma amostragem por grupo, tendo como critério o distrito de Aveiro. Foram então seleccionadas nove escolas secundárias, em função da sua classificação no ranking de escolas, seleccionando três escolas de nível de desempenho médio, alto e baixo. Oito escolas aceitaram participar com a avaliação de duas turmas de cada ano de ensino, seleccionadas aleatoriamente pelos concelhos executivos das próprias escolas. No caso do ensino superior, a amostragem foi feita por conveniência. Foi seleccionada a Universidade de Aveiro e foram contactados aleatoriamente professores de vários departamentos, tendo sido avaliadas as turmas daqueles que se disponibilizaram a participar no presente trabalho.

A amostra ficou assim constituída por 1125 estudantes, sendo 77.5% do ensino secundário ($n=872$) e 22.5% do ensino superior ($n=253$). Relativamente ao género da amostra completa, 39.2% era do sexo masculino ($n=439$) e 60.8% era do sexo feminino ($n=680$). A sua média de idades foi de 17.57 ($DP=2.33$), variando entre os 15 e os 39 anos. Considerando apenas os alunos do ensino secundário, 39.6% eram do sexo masculino ($n=344$) e 60.4% eram do sexo feminino ($n=525$). A sua média de idades foi de 16.71 anos ($DP=1.56$), variando entre os 16 e os 21 anos. Relativamente aos alunos do ensino superior, 38.1% eram do sexo masculino ($n=94$) e 61.9% eram do sexo feminino ($n=153$). A sua média de idades situou-se nos 20.62 anos ($DP=2.76$) variando entre os 18 e os 39 anos.

Os alunos do ensino superior eram significativamente mais velhos que os alunos do ensino secundário ($t=21.62$; $p=.000$)

Instrumento

Foi utilizada a Escala de Comportamento Interpessoal. Trata-se de um instrumento multidimensional de avaliação de assertividade que resultou da tradução e adaptação da Scale for Interpersonal Behaviour (Arrindell & van der Ende, 1985). É constituído por 50 itens avaliados em duas escalas de

resposta: desconforto e frequência de comportamento. A primeira é relativa ao quanto o indivíduo se sente desconfortável ou ansioso face à necessidade de desempenhar os comportamentos assertivos descritos, e varia de forma gradativa em cinco pontos, deste “nada” até “extremamente”. A segunda respeita à frequência com que o indivíduo põe em prática os comportamentos assertivos descritos, variando de forma gradativa em cinco pontos, desde “nunca” a “sempre”.

Na sua versão original e adaptações subsequentes tem sido comprovado que cada uma destas escalas se subdivide em quatro subescalas coincidentes: (1) Demonstração de sentimentos negativos, que passa pela expressão de aborrecimento, desagrado ou discordância, no sentido de defender os próprios direitos e agir de acordo com a própria iniciativa e decisões, sendo constituída pelos itens 2, 7, 9, 10, 15, 22, 25, 28, 31, 33, 34, 39, 41, 48 e 50; (2) Expressão e gestão de limitações pessoais, que consiste em reconhecer falhas ou dificuldades pessoais, lidar com crítica e pressão, e pedir ajuda, sendo constituída pelos itens 44, 11, 12, 13, 17, 18, 23, 30, 36, 40, 42, 46, 47 e 49; (3) Assertividade de iniciativa, que passa por tomar a iniciativa em situações sociais, sendo constituída pelos itens 1, 3, 5, 26, 27, 32, 38, 44 e 45; e (4) Assertividade Positiva, que respeita à expressão de sentimentos positivos, sendo constituída pelos itens 6, 8, 16, 19, 21, 24, 37 e 43. Quatro itens não pertencem a qualquer subescala, sendo contabilizados apenas para a obtenção de uma pontuação total para cada uma das escalas.

Procedimento

No caso dos alunos do ensino secundário, foi obtida autorização para a realização do estudo junto da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e, em seguida, junto dos concelhos executivos de cada escola. Já no caso dos alunos do ensino superior, foi pedida autorização aos professores responsáveis, que cederam tempo de uma das suas aulas para o preenchimento dos questionários. Um dos investigadores deslocou-se a cada escola e sala de aula para explicar os objectivos do estudo, garantir a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos e entregar e recolher os questionários, que foram preenchidos individualmente em contexto de sala de aula. Em média, cada questionário demorou cerca de 20 minutos a ser preenchido, sendo constituído por uma folha de rosto onde eram pedidas informações demográficas (género, idade, ano de escolaridade etc.) e dadas as instruções do instrumento, que consistiam na exemplificação de resposta a um item, explicitando o significado de cada alternativa de resposta. Foi pedido aos alunos que preenchessem o questionário como parte de uma investigação que pretende caracterizar e otimizar as aptidões sociais de adolescentes e jovens adultos.

Resultados²

Validade factorial

Foi realizada uma análise factorial confirmatória para verificar do ajustamento do modelo que estipula que cada escala de resposta é composta por quatro subescalas e um resultado de escala completa. Foram considerados índices de ajustamento absoluto e ajustamento incremental, tendo em conta as recomendações de Diamantopoulos e Sigauw (2000) e Vieira (2009). Os resultados obtidos são apresentados na Tabela 2.

² A análise de dados foi feita com recurso ao SPSS (v15.0) e ao LISREL (v8.0). O primeiro foi utilizado para análise de consistência interna, sensibilidade, correlações entre escalas e diferenças por variáveis demográficas. O segundo foi usado para determinar a validade factorial.

Tabela 2

Coefficientes e índices de qualidade de ajustamento do modelo de medida

	Desconforto	Frequência de comportamento
Qui-Quadrado (χ^2)	4849.96	4815.50
Graus de Liberdade (gl)	1171	1171
Razão χ^2 /gl	4.14	4.11
Erro quadrático médio de aproximação (RMSEA)	0.06	0.07
Índices de qualidade do ajustamento (GFI)	0.83	0.82
Índice GFI ajustado (AGFI)	0.81	0.81
Índice de ajustamento não normado (NNFI)	0.98	0.96
Índice de ajustamento comparativo (CFI)	0.98	0.96

Os valores dos índices RMSEA, NNFI e CFI são adequados de acordo com os critérios definidos por Diamantopoulos e Siguaw (2000), sugerindo que o modelo de medida estipulado para cada escala se ajusta de forma satisfatória à estrutura de covariância dos dados originais. Pelo contrário, os índices de ajustamento GFI e AGFI ficam ligeiramente abaixo do valor mínimo esperado para se considerar a adequabilidade do modelo (0.90). No mesmo sentido apontam os valores associados ao qui-quadrado, por serem estatisticamente significativos e pelo seu rácio face aos gl ser superior a 2.

Sensibilidade de escalas e subescalas

A análise de resultados descritivos, de curtose e assimetria permite concluir que, à exceção da subescala expressão e gestão de limitações pessoais tanto na vertente desconforto como frequência de comportamento, as escalas e subescalas se aproximam da distribuição normal, com uma ligeira assimetria positiva (Tabela 3).

Tabela 3

Medidas descritivas, curtose e assimetria de escalas e subescalas

	Desconforto					Frequência de comportamento				
	1	2	3	4	Completa	1	2	3	4	Completa
Média	32.15	26.56	19.35	18.38	104.17	42.35	46.60	27.24	23.57	152.09
Mediana	31.00	25.00	19.00	18.00	99.00	42.00	47.00	27.00	23.00	151.00
Moda	31.00	14.00	19.00	16.00	86.00	42.00	49.00	26.00	20.00	159.00
Desvio padrão	10.98	9.76	6.48	6.44	33.84	9.21	9.74	5.27	5.72	29.11
Assimetria	0.615	0.950	0.624	0.537	0.687	0.301	0.153	-0.041	0.286	0.032
Curtose	0.030	0.566	0.068	-0.248	0.141	0.344	2.637	0.341	0.052	0.592
Mínimo	15.00	14.00	9.00	8.00	50.00	16.00	14.00	9.00	8.00	52.00
Máximo	72.00	65.00	43.00	39.00	235.00	75.00	113.00	42.00	40.00	249.00

Fidelidade

Para analisar a fidelidade deste instrumento foi considerada a unidimensionalidade e a consistência interna das suas subescalas e escalas completas. No primeiro caso foi utilizado o índice de fidelidade compósita, estabelecendo como valor mínimo 0.60 de acordo com a definição de Bagozzi e Yi (1988); no segundo caso foi utilizado o *Alpha de Cronbach*, estabelecendo como valor mínimo 0.70, de acordo

com as indicações de Nunally (1978). Todas as escalas e subescalas obtiveram resultados bastante aceitáveis (Tabela 4), indicando nível adequado de confiança de que as escalas e subescalas avaliam constructos homogêneos.

Tabela 4

Análise de fidelidade de escalas e subescalas

	Desconforto					Frequência de comportamento				
	1	2	3	4	Completa	1	2	3	4	Completa
pc	0.90	0.91	0.85	0.86	0.97	0.85	0.85	0.80	0.81	0.96
α	0.91	0.91	0.85	0.86	0.97	0.84	0.81	0.80	0.81	0.95

Todos os itens se correlacionaram com a escala completa ou subescala a que pertenciam, em valores superiores a .40, demonstrando associarem-se ao conteúdo abordado pela escala completa e, especificamente pela subescala a que pertencem. Ao mesmo tempo, a sua exclusão não aumentava os índices de consistência interna obtidos. Tendo isto em consideração, nenhum item foi excluído da composição das escalas ou subescalas.

Correlações entre escalas e subescalas

Foi utilizado o teste paramétrico de *pearson* para avaliar a correlação entre subescalas e escala completa, com excepção da subescala expressão e gestão de limitações pessoais. Neste caso foi utilizado o teste não paramétrico de *spearman*, por tratar-se de uma subescala que não segue a distribuição normal. Verificámos que as subescalas de desconforto se relacionaram de forma positiva e significativa entre si, bem como as subescalas de frequência de comportamento, indicando homogeneidade ao nível dos constructos avaliados em função da dimensão a que se referem (Tabela 5).

Tabela 5

Correlação entre subescalas e escala completa em função da dimensão avaliada

	Subescala 1	Subescala 2	Subescala 3	Subescala 4	Escala completa
Subescala 1	–	0.67**	0.71**	0.62**	0.89**
Subescala 2	0.86**	–	0.66**	0.61**	0.88**
Subescala 3	0.83**	0.81**	–	0.62**	0.84**
Subescala 4	0.79**	0.78**	0.78**	–	0.82**
Escala Completa	0.95**	0.94**	0.91**	0.89**	–

Nota: Correlações para a dimensão de frequência de comportamento são apresentadas acima da diagonal, e as correlações para a dimensão desconforto são apresentadas abaixo da diagonal; ** $p < 0.01$.

Além disto, com excepção das subescalas de assertividade de iniciativa, as escalas de desconforto correlacionaram-se de forma significativa e negativa com as suas correspondentes de frequência de comportamento, obtendo resultados de $r = -.13$ (Demonstração de sentimentos negativos), $p = .27$ (Expressão e gestão de limitações pessoais), $r = -.20$ (Assertividade positiva), $r = -.21$ (escalas completas). O nível de significância foi sempre inferior a .001. Estes resultados indicam que maiores níveis de ansiedade em determinadas situações sociais se associam a menor prática de comportamento assertivo nas mesmas.

Análise por variáveis demográficas

Sexo. Verificámos existirem diferenças significativas entre géneros na subescala frequência de comportamento de expressão e gestão de limitações pessoais, utilizando o teste de comparação de médias de *Mann-Whitney*, por se tratar de uma variável que não segue a distribuição normal. No caso da escala de desconforto, as diferenças foram significativas em três subescalas e escala completa, sendo excepção a subescala de expressão e gestão de limitações pessoais. Para esta análise foi utilizado o teste paramétrico *Independent samples T-test*. O sexo feminino demonstrou sempre valores mais elevados (Tabela 6).

Tabela 6

Medidas descritivas por género

	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	Comparação de médias
Desconforto 1				
Sexo masculino	439	31.16	10.54	$t=-2.33^*$
Sexo feminino	680	32.72	11.21	
Desconforto 2				
Sexo masculino	439	26.26	9.47	<i>n.s.</i>
Sexo feminino	680	26.75	6.08	
Desconforto 3				
Sexo masculino	439	18.68	6.09	$t=-2.73^{**}$
Sexo feminino	680	19.79	6.70	
Desconforto 4				
Sexo masculino	439	17.87	6.12	$t=-2.09^*$
Sexo feminino	680	18.69	6.63	
Desconforto completa				
Sexo feminino	439	101.49	32.59	$t=-2.07^*$
Sexo masculino	680	105.78	34.58	
Frequência de comportamento 1				
Sexo masculino	439	42.36	9.52	<i>n.s.</i>
Sexo feminino	680	42.39	9	
Frequência de comportamento 2				
Sexo masculino	439	45.03	9.54	$z=-4.36^{***}$
Sexo feminino	680	47.63	9.75	
Frequência de comportamento 3				
Sexo masculino	439	26.97	5.41	<i>n.s.</i>
Sexo feminino	680	27.43	5.15	
Frequência de comportamento 4				
Sexo masculino	439	23.32	6.04	<i>n.s.</i>
Sexo feminino	680	23.74	5.50	
Frequência de comportamento completa				
Sexo masculino	439	150.31	30.58	<i>n.s.</i>
Sexo feminino	680	153.29	28.09	

Nota. * $p<0.05$; ** $p<0.01$; *** $p<0.001$; *n.s.* – não significativo.

Idade. A variável idade obteve correlações significativas e positivas com todas as subescalas e escala completa de desconforto (Desconforto 1: $r=.20$; Desconforto 2: $p=.18$; Desconforto 3: $r=.14$;

Desconforto 4: $r=.11$; Desconforto Completa: $r=.17$), tendo o nível de significância sido sempre inferior a .001. Apenas a subescala de frequência de comportamento de assertividade de iniciativa obteve uma correlação também positiva com a idade ($r=.07$; $p<.05$). Estes resultados indicam que quanto maior a idade do indivíduo, maior o nível de desconforto e de frequência de comportamento assertivo nas medidas referidas.

Discussão

O presente trabalho propôs-se apresentar o processo de tradução e adaptação para a língua portuguesa de uma escala de medida da assertividade, bem como a sua análise psicométrica. Para o processo de tradução e adaptação foram seguidas as directrizes teoricamente estabelecidas para minimizar erros de adaptação e garantir que o processo resulte em duas versões equivalentes do mesmo instrumento (Hambleton, Merenda, & Spielberger, 2005). Apesar de alterações necessárias à apresentação dos conteúdos, o seu significado foi mantido no processo de tradução, como confirmado pelo processo de reflexão falada e avaliação da retroversão.

Os resultados de análise psicométrica permitem concluir acerca da adequabilidade estatística deste instrumento, indicando níveis adequados de consistência interna e unidimensionalidade, que se assemelham aos obtidos com população estudantil a nível internacional (Arrindell et al., 2001). Os resultados de validade factorial confirmam a estrutura interna do instrumento. Ainda que alguns índices questionem a bondade do ajustamento do modelo, trata-se de índices que podem ser influenciados pela dimensão da amostra, como é o caso do qui-quadrado (Diamantopoulos & Siguaw, 2000). Pelo contrário, o índice de ajustamento incremental NNFI, nomeadamente, foi comprovado como sendo relativamente independente do tamanho da amostra (Marsh & Balla, 1994; Marsh, Balla, & McDonald, 1988), o que, no presente caso, sugere a adequabilidade do modelo de medida proposto.

No mesmo sentido vêm as correlações encontradas entre subescalas, com excepção da subescala de assertividade de iniciativa, na vertente de desconforto e de frequência de comportamento. Apesar de ser uma correlação negativa, como seria de esperar, não foi, no entanto, estatisticamente significativa.

À excepção da subescala expressão e gestão de limitações pessoais, as restantes subescalas e escalas completas parecem aproximar-se da distribuição normal, embora com uma ligeira assimetria. A representatividade da amostra, que inclui uma grande maioria de sujeitos adolescentes, e se cinge ao distrito de Aveiro poderá ter afectado estes resultados. Estudos futuros, com amostras estratificadas e diversificadas poderão contribuir para aumentar a diferenciação dos sujeitos em função do seu nível de competência assertiva.

A consideração das variáveis demográficas género e idade veio contradizer resultados encontrados no EUA (Arrindell et al., 2001; Bridges et al., 1991), que demonstraram serem as mulheres e os sujeitos mais velhos a manifestarem níveis mais reduzidos de desconforto. Apenas o resultado relativo à subescala de frequência de comportamento de expressão e gestão de limitações pessoais vem de encontro aos resultados obtidos por Arrindell et al. (2001). Diferenças culturais e de idade poderão explicar estes resultados. Pelo contrário, os resultados aproximam-se dos obtidos numa amostra europeia (Sarkova et al., 2005).

Os resultados obtidos no presente estudo parecem sugerir as boas qualidades psicométricas do instrumento que nos propusemos traduzir e adaptar para a língua portuguesa. Investigações futuras

continuam, no entanto, a ser prementes, de forma a abordar e melhor compreender o comportamento deste instrumento na população portuguesa. A sensibilidade do instrumento, a sua validade de constructo e independência de variáveis demográficas continuam a merecer estudo continuado.

De que tenhamos conhecimento, esta é a primeira escala traduzida para a língua portuguesa que pretende ser uma medida multidimensional da assertividade, acompanhando desenvolvimentos recentes acerca da definição e compreensão do constructo (Arrindell & van der Ende, 1985; Azais & Granger, 1995; Azais, Granger, Debray, & Ducroix, 1999; Lorr & More, 1980; Vagos & Pereira, 2009). Com o presente trabalho espera-se ter dado um contributo positivo para a compreensão, investigação e divulgação da Escala de Comportamento Interpessoal, que se preconiza ser um processo continuado e aperfeiçoado em trabalhos futuros.

Referências

- Arrindell, W. A., & Ende, J. van der (1985). Cross-sample invariance of the structure if the self-reported distress and difficulty in assertiveness. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, 7, 205-243.
- Arrindell, W. A., Bartolini, C., & Sanavio, E. (1990). Versione italiana della "Scale for interpersonal behavior": Fedeltà, stabilità e validità concorrente. *Psicoterapia Cognitiva e Comportamentale*, 5, 99-107.
- Arrindell, W. A., Groot, P. M. de, & Walburg, J.A. (1984). *De Schall voor – Interpersoonlijk Gedrag (SIB). Handleiding deel 1*. Lisse, Holanda: Swets & Zeitlinger.
- Arrindell, W. A., Sanavio, E., & Sica, C. (2002). Introducing a short version of the Scale for Interpersonal Behavior (s-SIB) for use in Italy. *Psicoterapia Cognitiva e Comportamentale*, 8(1), 3-18.
- Arrindell, W. A., Ende, J. van der, Sanderman, R., Oosterhof, L., Stewart, R., & Lingsma, M. M. (1999). Normative studies with the Scale for Interpersonal Behaviour (SIB): I. Nonpsychiatric social skills trainees. *Personality and Individual Differences*, 27, 417-431.
- Arrindell, W. A., Akkerman, A., Ende, J. van der, Schreurs, P. J. G., Brugman, A., Stewart, R., et al. (2005). Normative studies with the Scale for Interpersonal Behaviour (SIB): III. Psychiatric inpatients. *Personality and Individual Differences*, 38, 841-952.
- Arrindell, W. A., Bridges, K. R., Ende, J. van der, Lawrence, J. S. S., Gray-Shellberg, L., Hernish, R., et al. (2001). Normative studies with the Scale for Interpersonal Behaviour (SIB): II. US Students. A cross-cultural comparison with dutch data. *Behaviour Research and Therapy*, 39, 1461-1479.
- Arrindell, W. A., Sanderman, R., Hageman, W. J. J. M., Pickersgill, M. J., Kwee, M. G. T., Van der Molen, H. T., et al. (1990). Correlates of assertiveness in normal and clinical samples: A multi-dimensional approach. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, 12, 153-282.
- Azais, F., & Granger, B. (1995). Disorders of assertiveness and social anxiety. *Annual Medical Psychology*, 153(10), 667-675.
- Azais, F., Granger, B., Debray, Q., & Ducroix, C. (1999). Cognitive and emotional approach to assertiveness. *Encephale*, 25(4), 353-357.
- Bagozzi, R. P., & Yi, Y. (1988). On the Evaluation of Structural Equation Models. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 16, 74-94.

- Bandeira, M., Quaglia, M. A. C., Bachetti, L. S., Ferreira, T. L., & Souza, G. G. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e auto-estima em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 111-121.
- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, G., Montagner, A. R., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. In M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette, & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 1-45). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Bouvard, M., Arrindell, W. A., Guerin, J., Bouchard, C., Rion, A. C., Ducottet, E., et al. (1999). Psychometric appraisal of the Scale for Interpersonal Behavior (SIB) in France. *Behaviour Research and Therapy*, 37(8), 741-762.
- Bridges, K. R., Sanderman, R., Breukers, P., Ranchor, A., & Arrindell, W. A. (1991). Sex differences in assertiveness on the U.S. version of the Scale for Interpersonal Behavior (SIB). *Personality and Individual Differences*, 12(12), 1239-1243.
- Bruch, M. A., Kaflowitz, N. G., & Berger, P. (1988). Self-schema for assertiveness. Extending the validity of the self-schema construct. *Journal of Research in Personality*, 22(4), 424-444.
- Carochinho, J. O. (2002). Assertividade e compromisso organizacional: Evidências de um estudo empírico. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 1, 37-52.
- Castanyer, O. (2005). *Assertividade – Expressão de uma auto-estima saudável* (tradução para língua portuguesa; 4ª ed.). Coimbra, Portugal: Edições Tenacitas.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. (1999). *Psicologia das habilidades sociais – Terapia e Educação*. Rio de Janeiro, Brasil: Vozes Editora.
- Detry, B., & Castro, M. L. (1990). Três estudos de validade. In B. Detry & M. L. Castro (Eds.), *O teste de frustração de S. Rosenzweig – Forma adultos* (pp. 100-115). Porto, Portugal: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Detry, B., & Castro, M. L. (1996). A escala de assertividade de Rathus: Versão portuguesa. In L. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado, & M. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos IV* (pp. 357-363). Braga, Portugal: APPORT.
- Diamantopoulos, A., & Sigauw, J. (2000). *Introducing LISREL*. Londres, Inglaterra: Sage Publications.
- Eskin, M. (1993a). Reliability of the Turkish version of the Perceived Social support from Friends and Family Scales, Scale for Interpersonal Behavior, and suicide Probability Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 49(4), 515-522.
- Eskin, M. (1993b). Swedish translation of the suicide Probability Scale, Perceived Social Support from Friends and Family Scales, and the Scale for Interpersonal Behavior: A reliability analysis. *Scandinavian Journal of Psychology*, 34(3), 276-281.
- Golden, M. (1981). A measure of cognition within the context of assertion. *Journal of Clinical Psychology*, 37(2), 253-262.
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. NJ, EUA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Heimberg, R., & Becker, R. (1981). Cognitive and behavioral models of assertive behaviour: Review, analysis and integration. *Clinical Psychology Review*, 1, 353-373.
- Heimberg, R. G., Chiauuzzi, E. J., Becker, R. E., & Madrazo-Peterson, R. (1983). Cognitive mediation of assertive behavior: An analysis of the self-statement pattern of college students, psychiatric patients and normal adults. *Cognitive Therapy and Research*, 7(5), 455-463.

- Lorr, M., & More, W. (1980). Four dimensions of assertiveness. *Multivariate Behavioral Research*, 2, 127-138.
- Marsh, H. W., & Balla, J. R. (1994). Goodness of fit confirmatory factor analysis: The effects of sample size and model parsimony. *Quality & Quantity*, 28(2), 185-217.
- Marsh, H. W., Balla, J. R., & McDonald, R. P. (1988). Goodness-of-fit indexes in confirmatory factor analysis: The effect of sample size. *Psychological Bulletin*, 103(3), 391-410.
- Moore, K. K., Hudson, E. E., & Smith, B.F. (2007). The relationship between assertiveness and social anxiety in college students. *Undergraduate Research Journal of the Human Sciences*, 6. Retirado a 14 de Setembro de 2009 de <http://www.kon.org/urc/v6/moore.html>.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. NI, EUA: McGraw-Hill.
- Orenstein, H., Orenstein, E., & Carr, J. E. (1975). Assertiveness and anxiety: A correlational study. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 6, 203-207.
- Rakus, R. (1991). *Assertive behavior – Theory, research and training*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Rathus, S. A. (1973). A 30-Item schedule for assessing assertive behavior. *Behavior Therapy*, 4, 398-406.
- Sarkova, M., Katreniakova, Z., Nagyova, I., Madarasova Geckova, A., Orosova, O., Dijk, J. P. van, et al. (2005). The effect of social skills and smoking on mental health of adolescents. *European Journal of Public Health*, 15(1), 170.
- Sireci, S. G., Yang, Y., Harter, J., & Ehrlich, E. J. (2006). Evaluating guidelines for test adaptations – A methodological analysis of translation quality. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(5), 557-567.
- Vagos, P., & Pereira, A. (2007). *A versão portuguesa da Escala de Comportamento Interpessoal: Estudo preliminar*. Recuperado a 13 de Setembro de 2009 de http://www2.dce.ua.pt/leies/daes/escala_comportamento_interp.pdf
- Vagos, P., & Pereira, A. (2009). Qualitative Analysis on the Concept of Assertiveness. In K. A. Fanti (Ed.), *Applying Psychological Research to Understand and Promote the Well-being of Clinical and Non-clinical Populations* (pp. 99-112). Atenas, Grécia: Atiner.
- Vagos, P., Pereira, A., & Vieira, A. L. (2008). Escala de Comportamento Interpessoal: Adaptação de uma escala de medida de Assertividade para a língua portuguesa. In A. P. Noronha, C. Machado, L. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, & V. Ramalho (Eds.), *CD de actas da XIII Conferencia Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e contextos*. Braga, Portugal: Psiquilibrium.
- Vieira, A. L. (2009). *ABC do LISREL interactivo – Um exemplo prático de modelação em equações estruturais*. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo.
- Wolpe, J. (1973). Assertive training. In J. Wolpe (Ed.), *The practice of behaviour therapy* (2nd ed., pp. 80-94). NI, EUA: Pergamon Press.